

## PERTENCIMENTO E COISIFICAÇÃO EM ADUA, DE IGIABA SCEGO

### BELONGING AND OBJETIFICATION IN ADUA, BY IGIABA SCEGO

**Tiago Miguel Chiapinotto**<sup>1</sup>

**ROR** Universidade Federal de Santa Maria  
✉ tiagomiguelchiapinotto@gmail.com



**Anselmo Peres Alós**<sup>2</sup>

**ROR** Universidade Federal de Santa Maria  
✉ Anselmo Peres Alós



**RESUMO:** *Adua* (2018) é um romance que narra a jornada de uma imigrante somali na Itália dos anos 1970. Adua, personagem principal, migra junto da equipe de produção do filme no qual participa, com o intuito de tornar-se famosa. Após sofrer abusos no novo continente, estabelece-se, casa-se e mantém uma vida tranquila. Nesse contexto de migrações e de abusos, é possível analisar os processos de pertencimento presentes nas relações humanas, tanto do local social em que cada indivíduo participa, como da coisificação, que torna alguém objeto de outra pessoa. Adua possibilita analisar ambos processos, presentes e característicos das relações sociais da pós-modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração; Pertencimento; Pós-colonialidade.

**ABSTRACT:** *Adua* (2018) is a novel that recounts the journey of a Somali immigrant in Italy in 1970. Adua, the main character, migrates along with the production team of the film that is participating, wanting to become famous. After suffering abuse, settle down, get married and live a quiet life. In this context of migrations and abuses, it is possible to analyze the belonging processes present in human relationships, both in the home of each subject, and in the reification that makes someone an object for the other. Adua makes it possible to analyze both processes, present and typical of postmodern social relations.

**KEYWORDS:** Migration; Belonging; Post-coloniality.

**Informações sobre os autores:**

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.  
2. Graduação em Letras (2002) e Doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado III na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**doi** 10.29281/rd.v13i25.17603

**Fluxo de trabalho**

Recebido: 12/01/2025

Aceito: 26/02/2025

Publicado: 28/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)





## INTRODUÇÃO

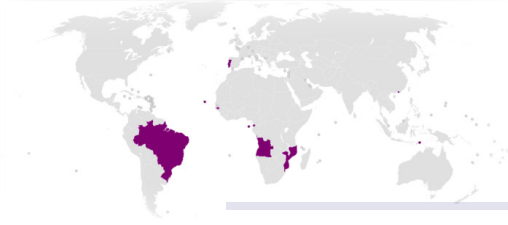
A família de Igiaba Scego migrara da Somália para a Itália anos antes do seu nascimento e, embora tenha vivido toda sua vida na Itália, a autora afirma não se sentir acolhida pelos italianos por “ser somali”, na opinião dos italianos, e também não se sente somali, por ser vista como italiana pela comunidade somali que lá reside. Durante a Feira Literária de Paraty (FLIP), no Rio de Janeiro, em 2018, em uma mesa para a qual Igiaba Scego fora convidada, a autora relata essa frustração de não pertencer efetivamente a um grupo na Itália. Nessa mesma fala, Scego trata do alívio em descobrir a *cultura de mestiçagem da América Latina*<sup>1</sup>, da qual se sentiu parte. A mesa foi dividida com o poeta suíço (que escreve em Italiano) Fabio Pusterla, e ambos autores falaram sobre o colonialismo da Europa no Continente Africano, e sobre o fascismo instaurado no período de colonização, ressaltando como esse período está voltando à tona ao ser trazido à baila em diversos textos publicados pela nova leva de escritores italianos que estão surgindo.

*Adua* é muito mais que uma narrativa de uma imigrante tentando prosperar na nova geografia; trata da complexidade do auto-entendimento de personagens que se veem migrantes em situações de tristeza e objetificação. As personagens centrais da narrativa são uma filha, Adua, e seu pai, Zoppe, e a narrativa é dividida em capítulos que repetem os mesmos três títulos, sempre apresentados em uma mesma ordem:

[...] a voz da mulher imigrante negra no segmento ‘Adua’, o passado da criança Adua, ainda na Somália, no segmento ‘Sermão’, este mediado pela voz da figura paterna e, por fim, o passado da figura paterna que se vê envolvido na política colonialista da Itália, no segmento ‘Zoppe’ (Mathias, 2020, p. 115).

É nessa tessitura narrativa que a vida das personagens é apresentada ao leitor, sem muita preocupação com uma apresentação cronológica de acontecimentos, e intercalando períodos históricos distintos e significativos na formação da identidade da personagem central. O alívio sentido pela autora - ao perceber a miscigenação cultural do Brasil - faz uma conexão direta, ainda que talvez involuntariamente, com uma necessidade que circula entre as ânsias de suas personagens no romance *Adua*: o pertencimento. E é essa noção que será explorada neste artigo, apresentando a noção de pertencimento em suas múltiplas acepções, partindo da ideia de pertencimento como ser parte de algo, pertencer a um grupo social, mas se debruçando principalmente sobre a ideia de posse, de haver alguém que se sente proprietário de outro alguém.

<sup>1</sup> Palavras da autora durante sua mesa na FLIP. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=S\\_mWFr7xjNs&t=242s&ab\\_channel=Flip-FestaLiter%C3%A1riaInternacionaldeParaty](https://www.youtube.com/watch?v=S_mWFr7xjNs&t=242s&ab_channel=Flip-FestaLiter%C3%A1riaInternacionaldeParaty). Acesso em 03 de julho de 2023.



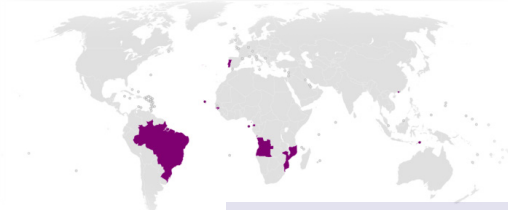
Para tanto, é importante que alguns detalhes do enredo sejam pontuados, de maneira a organizar a compreensão das relações apresentadas. *Adua*, a protagonista, vai da Somália para a Itália na busca de realizações pessoais. Ela vem de uma vida tribal, com costumes e práticas vistas como exóticas para os europeus, e é justamente isso que desperta o interesse de um casal de produtores italianos, que a contratam como parte do elenco de um filme adulto. Nessa vivência, *Adua* percebe tratar-se apenas de um objeto para a produção de um produto final, sem valorização de sua subjetividade enquanto pessoa. Anos após o filme, Lul, que também migrara para a Itália, torna-se amiga de *Adua* e, posteriormente, volta para o lugar de onde elas vieram, despertando muitas ânsias e conjecturas em *Adua*. A protagonista também se envolve em um relacionamento amoroso com Ahmed, seu “Titanic”, um imigrante recente que ainda busca alguma estabilidade na Itália. O rapaz, por mais que se envolva afetivamente com *Adua*, é tratado apenas como um interesseiro pela mulher, que também se percebe como uma pessoa que está usando-o para suprir sua solidão.

Tomada a palavra *pertencimento* em sua forma primitiva - o verbo *pertencer*, do latim *pertinescere* - é possível abordá-la em distintos vieses que se tangenciam em duas linhas: 1) a sensação de ter algo como posse - uma coisa que pertence ao seu proprietário, e 2) a necessidade de ser parte dentro de uma esfera maior (Pertencer, 2020). Esse interesse mútuo por fazer (de si mesmo) parte de algo pode ser o impulso formador de uma tribo ou uma comunidade, pode também nortear celebrações e práticas religiosas, pode ainda ser o fio condutor do sentimento de nacionalismo, e chegar, até mesmo, ao ponto de motivar a sensação de patriotismo despertada em uma guerra (Maia, 2019).

A necessidade de pertencer é parte fundamental da identidade humana. O filósofo inglês Roger Scruton aponta essa urgência do ser humano em se identificar como algo mais amplo, como parte de uma sociedade, de uma classe, de um grupo, uma vontade de reconhecer algo como um lar (Scruton, 1986, *apud* Silva, 2010). Para além da necessidade de sentir-se como parte de algo, há a necessidade de ser reconhecido pelo outro como parte do grupo:

No entanto, fazer parte de um grupo (uma nação), receber um gentílico, ou seja, uma identidade nacional, é primeiramente uma imposição, nem sempre correspondendo ao sentir-se pertencente ao grupo em questão. O pertencimento a um determinado grupo, ou determinada nação, decorre da possibilidade de ser e estar presente nesse grupo (Garibaldi, 2021, p. 16).

É possível, assim, perceber muito da noção de pertencimento em uma relação direta com o espaço físico como *lugar de pertencimento*, mas também, tendo a pós-modernidade em foco, é possível apontar a “heterogeneização galopante que percorre as



nossas sociedades” (Maffesoli, 2010, p. 22). O indivíduo, nesse contexto, precisa muito mais do que a simples aprovação do outro para se sentir parte de algo, ele precisa partilhar de alguma ligação com o lugar ao qual pertence:

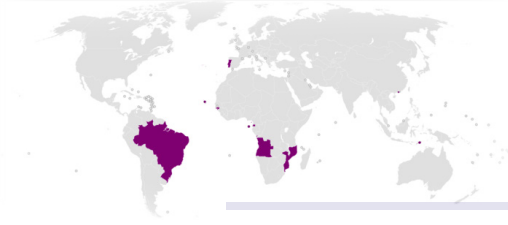
Ligação essa que não é abstrata, teórica nem racional. Ligação essa que não se constituiu a partir de um ideal longínquo, mas que se funda, antes pelo contrário, organicamente, na base da posse comum de valores enraizados: língua, costumes, cozinha, posturas corporais. Coisas essas, quotidianas, concretas, que combinam, num paradoxo que não é apenas aparente, o material e o espiritual de um povo (Maffesoli, 2010, p. 22).

Sendo assim, como explica Maffesoli (2010), para pertencer a um local, também é preciso que o indivíduo se valha do “materialismo espiritual, vivido localmente” (Maffesoli, 2010, p. 23). Dessa forma, o pertencimento se dá tanto por questões históricas e geográficas e, então, culturais, como por questões relativas à própria individualidade do sujeito, que podem se manifestar na sua busca pela aceitação do outro. A dinâmica da aceitação pelo outro pode ser visitada em diversos aspectos e recebida, então, como um olhar direto às relações de pertencimento. Grada Kilomba (2016) apresenta, por exemplo, a dinâmica do falar e do ouvir como uma mostra pontual de pertencimento:

Ouvir é o ato de autorização para quem fala. Eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer. Sabemos que aqueles/as que pertencem são aqueles/as que são ouvidos/as. E aqueles/as que não são ouvidos/as são aqueles/as que não pertencem (Kilomba, 2016, p. 3).

E ainda retoma o pertencimento em sua relação direta com a população negra escravizada, que tem sua história redirecionada e passa a ocupar um espaço de não pertencimento (Silva, 2010). Desse modo, introduz-se “uma dinâmica na qual *negritude* significa ‘estar fora de lugar’” (Kilomba, 2016, p. 6), enfatizando o corpo negro como um corpo não pertencente, “deslocado”, em contrapartida a corpos brancos, que são vistos como pertencentes e aceitáveis, “no lugar”. “Através de tais comentários, pessoas negras são persistentemente convidadas a voltar para o ‘lugar delas’, longe da academia, nas margens, onde seus corpos estão ‘em casa’” (Kilomba, 2016, p. 6).

Grada Kilomba traz a pauta da identidade racial como um tópico-chave do pertencimento, recordando que determinados corpos sempre foram vistos como inapropriados para aquele espaço social. Stefani Silva (2010) recorda, por meio da análise de obras de Conceição Evaristo, como o processo de desumanização pelo qual os povos negros escravizados passaram ao serem trazidos ao Brasil colônia era marcado pelo reforço da ideia do negro como alguém que não pertencia àquela sociedade enquanto pessoa, bem como o reforço da visão desse indivíduo como um objeto que pertencia ao

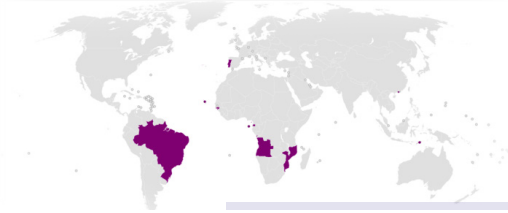


seu senhor e dono, não ocupando, assim, lugar social algum no grande grupo. Tendo isso em vista, é possível reforçar como as relações humanas são parte essencial para a compreensão do indivíduo como parte da sociedade, da mesma forma que a restrição dessas relações, que também acaba por restringir as relações com o lugar no qual se está, implica redução desse indivíduo a um caráter inferior ao caráter de ser humano, podendo ser comparado a um mero objeto da sociedade que o rodeia.

É nessa objetificação do ser humano que está amalgamada uma das convenções sociais das interações afetivas das sociedades capitalistas pós-modernas: a necessidade de que cada indivíduo apresente uma utilidade para se fazer digno de se interrelacionar. Shimoguri (2016) exemplifica a influência do capitalismo por meio da percepção de que uma pessoa é considerada apta e autônoma para estabelecer relações sociais quando também é considerada apta a produzir e a consumir, reforçando a lógica capitalista de que uma pessoa só é parte da sociedade quando também é parte do sistema capitalista. E a sociedade pós-moderna intensifica essa percepção do trabalho, e conseqüentemente da utilidade, como uma obrigação humana, dado que o trabalho cada vez mais é naturalizado como parte do sentido da vida humana (Bauman, 2001).

Norberth Elias e John L. Scotson, em seu estudo intitulado *Os estabelecidos e os outsiders* (2000), analisam as dinâmicas de funcionamento de comunidades fechadas que acabam por receber novos indivíduos (*outsiders*) em seu meio. No texto, os autores apontam como a presença desses novos indivíduos é tratada com indiferença, e tais pessoas começam a ser incluídas por meio do trabalho. Esses *outsiders* não são vistos como parte da sociedade, mas iniciam sua participação nas dinâmicas sociais por meio das dinâmicas de trabalho, à medida que começam a executar trabalhos de pouco prestígio, ou que demandam muito desgaste físico. Ao serem vistos como úteis ao grupo, então os forasteiros deixam de receber esse título e conseguem galgar um degrau a mais no caminho da participação efetiva dentro dessa sociedade estabelecida. Nessa escada, muito da identidade torna a se moldar para agradar ao grupo e conseguir, assim, além do pertencimento físico ao local no qual se inseriram, também o pertencimento na sociedade a que pertencem, ainda que tendo de se sujeitar ao desejo do outro como forma de validação de si.

A identidade pós-moderna está em constante formação, bem como a moldagem da identidade em função da assimilação do outro também está, o que também é característico das relações sociais da pós-modernidade. Stuart Hall (2011) já enfatiza a noção da identidade do sujeito como algo cada vez mais individualizado, e não mais uma identidade nacional como fora até então. Maffesoli (2010) ainda aponta para a questão de que, na pós-modernidade, as pessoas tendem a desempenhar diversos papéis em seus grupos sociais, que acabam por impactar diretamente a identidade e a identificação do sujeito:



“a identidade fragiliza-se. As identificações múltiplas, em contrapartida, multiplicam-se” (Maffesoli, 2010, p. 23). Desse modo, muito da subjetividade da pessoa passa a ser dado pelo interesse do indivíduo em se sentir membro da comunidade por meio da aceitação do outro, fazendo com que a percepção do outro se sobreponha à própria individualidade.

Somando à alienação da subjetividade o capitalismo pós-moderno, o processo de coisificação<sup>2</sup> das pessoas, bem como o utilitarismo das relações, passa a ser uma máxima nas afetividades contemporâneas. A psicóloga e coordenadora geral do Sempreviva Organização Feminista (SOF), Nalu Faria, retoma a ideia de Baumann (2001) ao apresentar a coisificação como um processo de valorização exacerbada do “ter”, em relação ao “ser”, e então a sociedade de mercado que envolve a humanidade “rouba os sonhos e cria ilusões. O consumo está o tempo todo associado à felicidade, ou que a pessoa é aquilo que consome” (Faria, 2013, não paginado). Diferente da escravidão, essa transformação do indivíduo em produto, passa a ser quase que voluntária, pois o “fetichismo da mercadoria ou da subjetividade encontra no desejo a grande arma contra a noção de escravidão ou servidão, pois a entrega é espontânea” (Lewin, 2017, p. 44). E, para além da facilidade de se entregar à situação de coisa, o capitalismo faz com seja muito difícil afastar-se desse processo: “a reificação impede o sujeito de desejar outra forma de existência porque está preso à produção capitalista e a saída seria desgarrar-se da produção” (Mejat, 2012, *apud* Carvalho, 2021, p. 40). Desse modo, cada vez mais, o ser humano tende a ser visto como uma coisa, que tem sua existência ligada à sua utilidade, que acaba por valorizar cada pessoa em uma esfera única relacionada ao seu fazer enquanto parte do sistema capitalista (Strieder, 2019).

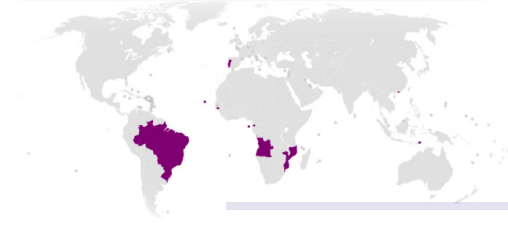
De maneira pontual, é possível retomar que a noção de pertencimento é uma necessidade humana e é parte integrante da subjetividade humana que, por sua vez, é formada pelo contexto no qual cada sujeito se insere. Assim, é retomada a importância das interações entre sujeitos, tanto para o processo de formação das identidades, como para a confirmação do pertencimento dentro daquele grupo. Dentro dos jogos de interação social em que cada indivíduo participa, determinadas dinâmicas indicam aquilo que é lido como confirmação do pertencimento, e essas mesmas dinâmicas podem incentivar que uma pessoa use de outra em função de interesses terceiro.

## ADUA E LUL

Lul é a melhor amiga de Adua, nas palavras da própria personagem, mas pouco da relação entre ambas é apresentado de maneira palpável na linha do tempo da narrativa,

<sup>2</sup> O termo “coisificação” é um sinônimo para “reificação” (*res* = coisa); portanto, o conceito pode aparecer com mais de uma terminologia em função de diferentes citações, sem que o sentido, de todo modo, seja alterado.



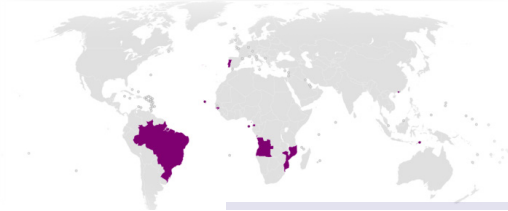


pois Lul é apresentada ao leitor já no momento de seu retorno à Somália, após deixar a Itália de volta ao seu lar. Lul aparece mais pontualmente em lembranças do passado e na imaginação da protagonista, ou que Lul virá a viver no futuro. De todo modo, Lul tem grande importância na re/estabilização de Adua em um momento difícil após sua chegada na Itália, mas esse momento também é contado como uma lembrança do passado dentro da cronologia da narrativa. Sendo assim, as inter-relações entre as personagens serão vistas de acordo com seu aparecimento na narrativa, divididas em três momentos: a) na partida de Lul, b) nos passados imaginados por Adua e c) na chegada de Lul à Itália, que acarreta em uma mudança na vida de Adua.

A relação entre as amigas é apresentada ao leitor já no começo da narrativa e se revela em uma situação bastante interessante para esta análise: Adua conta ter pedido um favor a Lul: “pedi para Lul dar uma olhada em *Laabo dhegad* [...] Disse-lhe: ‘por favor. Conto contigo’” (Scego, 2018, não paginado). No decorrer da narrativa, depreende-se que Lul está voltando da Itália, onde Adua vive, para a Somália, e *Laabo dhegad* é o nome dado à casa de Adua. Na sequência da leitura, Adua, durante um devaneio, compara uma estátua a Lul: “mas você me remete a ela. Sabe ouvir” (Scego, 2018, não paginado). Ambos casos servem para indicar a percepção da personagem como alguém mais “estabelecido” que sua amiga, que ainda é uma *ousider* naquele espaço - por mais que Adua seja vista como uma forasteira pela população italiana de maneira geral. E é na sutileza de pedir o favor que se apresenta a percepção de si como alguém em posição de superioridade, assim como os estabelecidos das comunidades estudadas por Elias e Scotson (2000), que pediam favores aos *ousiders* sabendo que eles atenderiam como forma de se sentirem integrados àquela comunidade. A mesma percepção de Adua como alguém acima de Lul na escada do pertencimento pode ser vista na comparação da estátua com Lul, pois é no ato de ouvir que se afirma o pertencimento de quem fala (Kilomba, 2016). Desse modo, já se estabelece a noção de Adua como alguém superior a Lul, na sua própria percepção, dentro da hierarquia de pertencimento social dentro da sociedade de estabelecidos da qual ambas fazem parte, ainda que como forasteiras, talvez pelo fato de Adua já estar vivendo na Itália quando conhece Lul, que migrou anos mais tarde.

Em um momento posterior, Adua imagina como sua vida teria sido diferente se Lul tivesse migrado para a Itália mais cedo, na mesma época em que Adua migrara. A protagonista cria situações nas quais Lul se responsabilizaria por melhores rumos na vida de Adua:

Lul certamente não me deixaria andar por aí com trapinhos indecorosos e com as carnes vulgarmente exibidas. [...] Lul teria me afastado das drogas, do álcool, dos cigarros de quinta categoria, das frituras, dos homens que só queriam meu corpo. [...] Lul teria me reaproximado



das nossas tradições. [...] Se tivesse conhecido Lul antes, eu não teria passado tanto tempo assim só a chorar (Scego, 2018, não paginado).

Esse conjunto de pretéritos imaginados abarca cerca de trinta verbos referentes a ações que Lul teria executado em favor de Adua, garantindo um imaginário de Lul como alguém sem uma motivação própria, que dedicaria sua vida ao bem-estar e ao auxílio de sua amiga. Essa inviabilização, ainda que imaginária, da existência subjetiva de Lul, é uma marca clara da objetificação da personagem por parte de Adua. Com todas ressalvas à situação pela qual a personagem passa, seja pelo contexto social da exclusão migrante, seja pelo contexto de devaneios, ainda assim ela tende a marcar a amizade pela utilidade da amiga, tanto que ela abre a linha de raciocínio de futuros do pretérito com uma indicação clara de subserviência: “em 1977, não tinha Lul para me ajudar” (Scego, 2018, não paginado). A anulação do sujeito propriamente dito em função de sua percepção apenas dentro de sua utilidade é uma característica da pós-modernidade capitalista e líquida (Bauman, 2001), e essa anulação se intensifica ao levar em consideração o cenário no qual as personagens se inserem, assim como os negros escravizados (Silva, 2010). Lul não é alguém inserido na sociedade, podendo ter, então, sua existência limitada ao utilitarismo que serve a Adua.

Por fim, a narrativa apresenta uma última menção a Lul, quase no fim do romance: “graças à minha amiga Lul, anos depois, refiz minha vida” (Scego, 2018, não paginado). Cada lexema presente na citação pode ser analisado pontualmente, mas é interessante focar na palavra “graças”. A expressão “graças a alguém” indica que algo só foi alcançado por responsabilidade e comprometimento de certa pessoa, de certa ação ou sequência de ações, nesse caso, a responsabilidade pela mudança de vida de Adua é de Lul. Embora haja uma relação de amizade entre as personagens, o fragmento serve para ilustrar a maneira como Lul é vista primordialmente em seu aspecto utilitarista, sendo que a relação com ela é exitosa à medida que também é proveitosa para Adua. Desse modo, a relação de amizade se estrutura, e se intensifica, pelo fato de apresentar alguma utilidade para uma das partes (Shimoguirí, 2016), e esse mesmo proveito já é descrito e apresentado durante todo o enredo que circula ao redor dessa amizade.

Adua, apesar dos pormenores, demonstra um real sentimento de amizade por Lul, é o contexto que acaba por manipular essa relação. Seja pelo espaço social de migração no qual ambas estão inseridas, seja pela narrativa de exploração a que Adua foi sujeitada - e será detalhada posteriormente neste texto - ou mesmo pelo espectro da pós-modernidade (Bauman, 2001), Adua tende a perceber Lul como alguém capaz de melhorar a sua vida, conferindo a amiga, principalmente dentro do status da sua imaginação, um papel limitado a existir em função de Adua. Sendo assim, por mais verdadeiro que possa ser o sentimento de amizade presente entre ambas, o contexto em que se insere é responsável por macular





a inocência desse afeto e o conduzir ao utilitarismo característico do capitalismo pós-moderno.

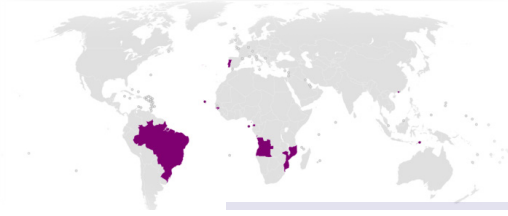
### ADUA E AHMED (AKA “TITANIC”)

Após estar mais estabelecida na Itália, Adua começa um relacionamento com um migrante recém chegado. O jovem Ahmed é apresentado na narrativa por meio de seu apelido, “Titanic”, que o aproxima da embarcação cinematográfica que atravessava o oceano, assim como o rapaz. Sua relação com Adua sempre é descrita do ponto de vista da protagonista, que também é narradora, não havendo espaço para entender motivações (ou mesmo sentimentos) do ponto de vista do rapaz, e ela insiste em apontar a relação como algo puramente utilitarista para ambos. No decorrer da narrativa, a relação apresenta traços de afetividade que não são puramente utilitaristas, principalmente no momento final do casal, que se separa quando Ahmed segue para a Alemanha na intenção de se estabelecer por lá. A relação de pertencimento entre Ahmed e Adua será analisada por meio das descrições feitas por Adua e de momentos pontuais vividos pelo casal durante a narrativa.

O “jovem Titanic” é apresentado, pela protagonista narradora, como “o garotinho com quem me casei, nunca falo [com ele]. Nem sei por que nos casamos” (Scego, 2018, não paginado). Na sequência, ela o define como alguém sem muitos rumos, que está passando necessidades e sofrendo com alcoolismo e, na descrição da narradora, busca por, quase, qualquer coisa: “servia-lhe uma casa, uma teta, uma sopa, um travesseiro, um pouco de dinheiro, uma esperança” (Scego, 2018, não paginado), e, ainda que dentro de suas limitações, Adua dá a ele o que ele precisava, como se seu papel fosse puramente a entrega.

É interessante frisar o uso do apelido “Titanic”. Embora o jovem tenha um nome, Ahmed, sua companheira faz questão de tratá-lo por esse apelido como forma de aproximar o jovem cada vez mais ao seu passado de migração, seja pela referência à embarcação, seja pelo insucesso do transatlântico no filme homônimo. Também é importante frisar que o sadismo do apelido não passa despercebido pelo rapaz: “eu sei que Titanic é um filme em que todos morrem. Mas lembre-se sempre que eu não morri” (Scego, 2018, não paginado). De todo modo, o apelido é uma maneira de reduzir o jovem Ahmed a uma generalização, apagando suas individualidades e o resumindo ao seu momento de travessia, de partida e de migração.

A relação de escambo entre as personagens também merece destaque por ilustrar o utilitarismo das relações humanas na contemporaneidade (Bauman, 2001). O casamento de Adua e Ahmed foi celebrado por amigos próximos e, como a própria narradora coloca,

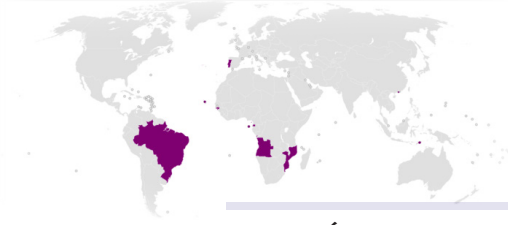


“não causou alvoroço entre os somalis de Roma” (Scego, 2018, não paginado) por se tratar de uma prática habitual entre as mulheres na mesma situação que Adua. A prática é realizada por muitas no círculo social de Adua e não é vista com maus-olhos, é uma maneira de dar uma “segunda juventude” (Scego, 2018, não paginado) a essas mulheres, nessa situação. Quanto à noção de uma relação puramente utilitarista, a narradora protagonista deixa aclarado:

O escambo é perfeito. Eles recebem um teto e nós recebemos um pouco de atenção. Eles nos beijam e nós remendamos suas meias furadas. Um dia partirão rumo ao amor, rumo a outras terras. Mas por enquanto estão aninhados aos nossos pés, prontos para satisfazer nossas fantasias (Scego, 2018, não paginado).

Muito da praticidade desse relacionamento está exposto nesse fragmento, a iniciar pelo próprio uso da palavra “escambo”, reduzindo a relação afetiva a uma prática capitalista (Strieder, 2019) que é exemplificada nas trocas: um teto para viver por um pouco de afeto, beijos por remendos nas roupas. A coisificação de si própria ainda se torna mais clara quando a narradora enfatiza que seu companheiro vai, um dia, sair em busca do “amor”, como que garantindo que aquela relação não é, de fato, amorosa e, sim, puramente prática.

Embora a relação de Adua e Ahmed seja chamada de “escambo” pela própria narradora, a prática está mais aliada a um ideal de comensalismo. Nesse tipo de relação apenas uma das espécies envolvidas se beneficia sem, no entanto, prejudicar ou beneficiar a outra (Cerqueira, 2017). Para Adua, a companhia de seu “Titanic” é válida, por assim dizer, mas não é uma grande alegria a sua vida (longe de ser uma tristeza ou um fardo, apenas não é um amor verdadeiro ou um sentido à sua vida), enquanto que tudo que Adua tem a oferecer para Ahmed é muito importante para o jovem. Nas palavras da própria narradora: “Eu sou sua couraça. É o meu dinheiro que o defende das intempéries [...]. Tem um teto sobre sua cabeça, a barriga sempre cheia, e também tempo para bater papo com as suas amiguinhas” (Scego, 2018, não paginado). Fica muito bem pontuada a relação desequilibrada entre as partes, enquanto Adua é uma grande provedora, “Titanic debochado fica largado em frente à tevê quase o dia todo” (Scego, 2018, não paginado). Ainda que Adua faça muito mais por Ahmed do que ele possa retribuir, isso não tira a relação da esfera do utilitarismo, pois nada daquilo que Adua faz é feito como prova de amor, e sim como uma maneira de garantir aquela companhia para não se sentir só. Salvo todo o contexto de desestruturação familiar e todos os infortúnios da vida de Adua, a protagonista tende a levar sua relação com Ahmed para o espaço mais prático possível, espaço no qual ela se contenta em não estar perdendo nada com a relação, ainda que não ganhe algo, de fato, e ainda que não se sinta envolta em afeto.

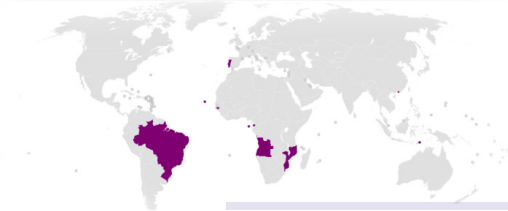


É na partida de Ahmed que o rapaz se mostra também como parte do sistema capitalista que os rodeia, para demonstrar sua gratidão ao tempo com Adua ele a presenteia com uma câmera, um presente caro que ele precisou fazer muitas coisas para conseguir. Com esse gesto, Ahmed consegue transformar em algo material o seu sentimento de gratidão pelo tempo juntos, é por meio de um bem de consumo que ele consegue materializar esse sentimento (Faria, 2013). Em contrapartida, Adua aceita o presente e começa a, então, encará-lo como um sujeito de verdade, e não mais como um sujeito genérico, um “Titanic”. Após receber a câmera e perceber que o rapaz está indo viver por conta própria, Adua encara o jovem com seu nome verdadeiro “Ahmed” e deixa de chamá-lo por seu apelido sádico e generalista, como se naquele momento, por provar que consegue participar do sistema capitalista e por se fazer responsável por seus próprios rumos, Ahmed conseguisse, então, se fazer digno de ser vista sua subjetividade. Adua relaciona-se por muito tempo com um jovem mascarado em seu apelido e em sua dependência, mas ela retira o caráter de coisa que ela mesma colocou sobre o rapaz quando ele se mostra independente e seguindo seu próprio rumo.

#### ADUA, ARTURO E SISSI

A vinda de Adua a Roma é parte de uma agenda de trabalho da jovem aspirante a atriz. A protagonista da narrativa, ainda jovem, é descoberta na Somália por um casal de produtores de cinema, que a colocam como atriz central de um filme com apelo erótico, intitulado *Fêmea somali*. O longa-metragem foi campeão de bilheteria em 1977 e ainda seguia sendo reprisado em canais de TV locais. O enredo não fica claro, mas as cenas descritas envolvem Adua com pouca ou nenhuma roupa por certos cenários, como uma praia, agindo de maneira sensual e tendo relações sexuais com outro ator.

Arturo e Sissi têm muita cumplicidade e uma relação hierárquica própria que se altera em função do espaço social: enquanto Arturo é quem comanda as gravações no *set*, Sissi é quem comanda as interações sociais. Em ambos cenários, e por ambos produtores, Adua é tratada com desrespeito e uma espécie de indiferença pela vida da jovem além da produção audiovisual. Adua precisava dedicar muito de seu tempo e de sua força de vontade para fazer coisas que agradasse ao casal, em troca de manter seu papel no filme. Há dois pesos e duas medidas nos padrões de tratamento social entre as pessoas desse triângulo; enquanto Arturo e Sissi se tratam como pessoas, de maneira polida e respeitosa – dentro de todas as ressalvas da narrativa – Adua é tratada em uma categoria inferior, recebendo ordens, apenas. Essas dinâmicas sociais que serão analisadas para compreender como representam traços das relações sociais da contemporaneidade.



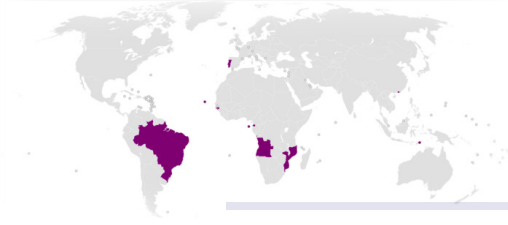
O contato inicial de Arturo e Adua é marcado por muitos elogios e propostas. Arturo ressalta o quanto Adua é bela e frisa o tanto de possibilidades que ela terá ao ingressar na carreira audiovisual por meio do filme que está produzindo. Logo na sequência, as descrições das situações entre as personagens começam a sair dos espaços de cortesia e recebem traços de imposição, como a descrição do *poster* do filme:

‘Esse vestido que você está usando é maravilhoso. Quero-o no pôster do filme’, disse-me com aquele sorriso oco. E de fato há no *poster* uma túnica somali, mas recortada artisticamente para deixar as pernas visíveis, quase até o púbis. E para que tudo fosse ainda mais selvagem, Arturo me fez tirar a foto como se eu fosse a Jane do Tarzan sobre um enorme baobá de plástico (Scego, 2018, não paginado).

É perceptível a maneira como a identidade de Adua é apagada em função do interesse dos produtores em criar uma “fêmea somali” para a divulgação do filme. A túnica, símbolo de seu povo, é cortada para mostrar as pernas, e ela se coloca como um objeto queorna com a decoração de plástico que imita seu bioma original. Essa descaracterização da cultura e objetificação do corpo negro não é exclusiva da ficção, processo parecido foi vivenciado durante a escravidão, no qual os traços de identidade dos escravizados trazidos eram suprimidos para que a única identidade restante fosse aquela que interessava aos que os escravizaram: mão-de-obra (Silva, 2010). Da mesma forma, a objetificação clara dos usos e costumes de Adua como simples adornos, pois é o diretor que “quer” o “vestido” no filme, e ignora-o como uma túnica que marca a cultura de um povo, recortando-o e expondo-o de maneira que pudesse interessar mais aos espectadores.

A descrição da imagem do *poster* do filme é um primeiro passo para compreender como o casal percebe a moça, não como uma pessoa, mas sim como algo que lhes tem utilidade. O processo de coisificação de Adua ainda se aprofunda mais, uma vez que o casal de produtores a violenta e faz com que ela tenha relações com um distribuidor de cinema, como uma prostituta, para conseguir aumentar a divulgação do filme.

A sequência do abuso é o marco da coisificação de Adua, como se ela começasse a noite ainda sentindo-se parte de um grupo, ainda que em uma posição subalterna, e terminasse sendo apenas um objeto que foi usado pelo casal. Adua é levada à casa de praia do casal, sem mesmo saber para onde está indo; na sequência é persuadida a beber até ficar embriagada e então Arturo toca os seios de Adua enquanto beija sua esposa. Sissi justifica que aquilo tudo é uma preparação para o filme, que ela precisaria saber como agir nas cenas de sexo e, na sequência, emenda duas frases de ordem: “agora tire a roupa dela, Arturo!” (Scego, 2018, não paginado) e “Arturo, ela é sua, faça dela o que quiser” (Scego, 2018, não paginado).

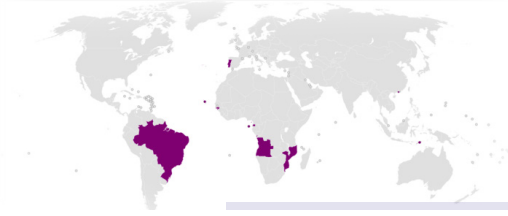


Na primeira frase, Sissi retoma a hierarquia do casal que já vem sendo construída durante a narrativa. Por mais que Arturo dirija o filme, ela é superior em alguns momentos, e dar ordens ao companheiro é uma maneira de reforçar essa superioridade. Da mesma forma que com Arturo, Sissi mostra-se superior à Adua frequentemente por meio de ordens, enfatizando a posição inferior da moça no espaço em que está se inserindo. Sissi ainda acaba por enfatizar a noção de Adua como algo inferior ao relacioná-la com outro fato, a “compra” de uma somali pelo pai de Sissi, que ela comenta de maneira despretensiosa em uma conversa pontual com Adua no voo para Roma. “Meu pai, durante a campanha na África, comprou uma mulher lá dos teus lugares” (Scego, 2018, não paginado). Nesse pequeno excerto há muito sobre a relação entre Sissi e Adua, ou qualquer outra Somali: Sissi vê a si mesma como alguém hierarquicamente superior, por ser alguém que pode comprar outra pessoa, mas também não vê essa pessoa como um sujeito, pois ela pode ser comercializada, além de ter sua identidade apagada, ‘uma mulher’, bem como a sua cultura, ‘lá dos teus lugares’.

A segunda ordem de Sissi é muito simbólica, pois é uma prova da percepção de Adua não como indivíduo, mas sim como uma posse: “ela é sua”. De maneira pontual, a apresentação inicial da personagem, logo na primeira frase do romance, retoma essa ideia de pertencimento: “sou Adua, filha de Zoppe” (Scego, 2018, não paginado), mas essa apresentação coisificada volta a aparecer nos discursos que envolvem sua participação no filme, seja por essa frase de Sissi, seja num momento posterior. Quando Adua é apresentada a um figurão da indústria do cinema, ele comenta: “então você é a negrinha do Arturo” (Scego, 2018, não paginado). Assim como na fala de Sissi, Adua deixa de ser alguém e é reificada em uma propriedade de Arturo, enfatizando, talvez, seu infortúnio de não poder escolher como trilhar seus próprios passos nesse momento de sua vida.

Após a ordem de Sissi, Arturo tenta violar a moça e descobre sua mutilação genital, que é parte da cultura do povo de Adua. Ela explica o significado, eles desconsideram e cortam os pontos que limitavam sua vulva para que o diretor possa penetrá-la. Além da violência da ação física, há também a invalidação da jovem, que não é ouvida, ainda que tente se expressar. Retomando a fala de Grada Kilomba (2016), ao não haver espaço de escuta, aquele que não consegue ser ouvido é percebido, até mesmo por si próprio, como não pertencente àquele espaço que está inserido. Novamente, apenas o corpo de Adua é do interesse daquele espaço que a cerca, sua individualidade e subjetividade são totalmente desrespeitadas e desconsideradas.

Não obstante a violência sofrida, Adua ainda precisa ter uma relação íntima com um dos distribuidores de cinema, que pode alavancar as vendas do filme. Ela vai a uma festa e, convidada pelo homem a um quarto escuro, proporciona prazer a ele. O distribuidor dá ordens a ela, puxa seus cabelos, faz ela fazer sexo oral nele e, quando



termina, tira-a para o lado com um “Sai, puta” (Scego, 2018, não paginado). Depois de tudo, ele a presenteia com uma joia e garante que ela será uma grande “estrela negra”, pois “tem coxas lindas, merece fazer sucesso” (Scego, 2018, não paginado). Essa cena acaba servindo como um novo exemplo do processo de redução de Adua, sujeito, a coisa, uma posse de Arturo. E essa coisificação ainda é revisitada na narrativa, e é garantido que a protagonista apenas consegue sair dessa situação após receber amparo de outras pessoas, enfatizando a necessidade de sentir-se parte de algo para, então poder exercer sua plena subjetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o foco do romance não seja as relações de posse e pertencimento, Adua possibilita ver muito da cultura capitalista pós-moderna em seu enredo. No contexto em que a personagem está inserida, como mulher, migrante e negra, muito das relações contemporâneas se deformam e é possível analisar a maneira como a sociedade força as afetividades a se tornarem puramente práticas e cada vez mais funcionais ou utilitaristas. Cada um dos contatos estabelecidos por Adua na nova metrópole marca uma das múltiplas facetas desse utilitarismo pungente da pós-modernidade.

A protagonista chega ao seu destino pelas mãos de pessoas que não buscavam incentivá-la em seu sonho, mas sim usar do corpo de Adua como maneira de fazer dinheiro e ter prazer. Ao sentir-se coisificada que a protagonista começa a enxergar as linhas invisíveis do interesse que perpassam cada relação nesse novo espaço social, ela aprende a calar-se e entende que pode alcançar o que quer sem necessariamente estar feliz. É no encontro com sua amiga Lul que Adua redescobre a possibilidade de se sentir sujeito de seu próprio destino, mas ela já está mudada pelo sofrimento da coisificação e acaba por projetar em sua amiga um ideal de utilitarismo, conjecturando sobre o quanto aquela amizade poderia ter sido mais útil para si próprio em outro momento. Na união com Ahmed, o senso de praticidade já está instaurado, toda afetividade do casal é meramente prática e uma relação simbólica de troca – de escambo – passa a descrever o casamento, nesse momento, Adua já está envolvida no pensamento coisificador do capitalismo pós-moderno.

Não há como dizer que a personagem usa das pessoas, muito embora ela tenha feito disso como uma defesa após ter sido usada, mas é possível perceber como uma situação de exclusão e de apagamento é responsável por moldar um sujeito. Adua inicia sua jornada com a inocência de quem acaba por ser usada, tanto é que, no seu amadurecimento pessoal, ela faz do utilitarismo uma couraça, que é rompida para ela se sentir plenamente livre para exercer sua subjetividade.





## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

CARVALHO, A. P. M. **A humanidade coisificada pelo capital: apreensão da categoria reificação e sua recuperação ontológica pelo percurso formativo marxiano-lukacsiano**. 327 f. Orientadora: Maria das Dores Mendes Segundo. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, BR-CE, 2021.

CERQUEIRA, L. L. M. e FERREIRA, L. A. D. Interações ecológicas. In: CERQUEIRA, L. L. M. e FERREIRA, L. A. D. **Biodiversidade e interações ecológicas**. Universidade Federal do Mato Grosso, Secretaria de Tecnologia Educacional, 2017. Disponível em: <https://setec.ufmt.br/ri/bitstream/1/22/1/BIODIVERSIDADE%20E%20INTERA%C3%87%C3%95ES%20ECOL%C3%93GICAS.pdf>. Acesso em 20/01/2023.

ELIAS, N. e SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIA, N. A coisificação das pessoas e das relações humanas. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. **IHU on-line**, São Leopoldo, n. 414, 15 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4874-nalu-faria>. Acesso em 05/01/2023.

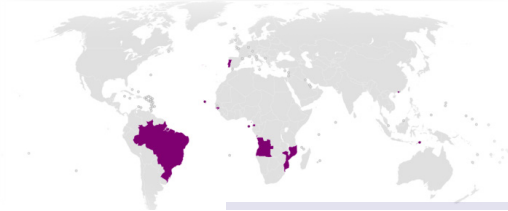
GARIBALDI, L. **As (des)mátrias que nos constituem: as metáforas das malas e do armário como representações de identidade(s) no conto “Dismatria”, de Igiaba Scego**. 2021. 62 f. Orientadora: Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Italiana e Literatura de Língua Italiana, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KILOMBA, Grada. **“Descolonizando o conhecimento”: uma Palestra-Performance**. Tradução de Jessica Oliveira. Goethe-Institut, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 23/12/2022.

MIRANDA LEWIN, A. **Dignidade da pessoa humana, coisificação na modernidade líquida e acesso à justiça**. São Paulo, 2017. 112 f. Orientadora: Nathaly Campitelli Roque. Dissertação (Mestrado – Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, BR-SP, 2017.

MAIA, T. Modos de pertencimento, fontes de guerra: nacionalismo e identidade religiosa nos séculos XX e XXI. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 4, p.666-680, 23 dez. 2019.



MAFFESOLI, Michel. Pós-modernidade. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 18, p. 21-25, 2010. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1471>. Acesso em: 23/12/2022.

MATHIAS, D. Experiências com a metrópole no romance **Adua** de Igiaba Scego. **Literatura e sociedade**, v. 25, p. 114-126, 2020.

PERTENCER. In: **MICHAELIS**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pertencer>. Acesso em: 23/12/2022.

SCEGO, I. **Adua**. Trad. Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018. *E-book*.

SILVA, S. E. Literatura afro-brasileira: uma identidade em questão. **Revista Iluminart do IFSP**, vol. 1, no 4, Sertãozinho, abril de 2010. Disponível em: <http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/revistailuminart/index.php/iluminart/article/view/68>. Acesso em: 24/12/2022.

STRIEDER, R. Democracia e educação: desafiando a lógica tecnicista e utilitarista. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, p.19-32, 2019. DOI: 10.20396/riesup.v5i0.8653598. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653598>. Acesso em: 5/1/2023.

SHIMOGUIRI, A. F. D. T. (2016). **Contribuições da psicanálise de Freud e Lacan e do materialismo histórico para a terapia ocupacional: uma clínica do desejo e do carecimento na saúde coletiva**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Assis, SP. Recuperado de <https://goo.gl/q8WToX>. Acesso em: 8/1/2023.